

SER SOCIALISTA EM RIO GRANDE NA VIRADA DO SÉCULO XIX:

Ciência/religião e reforma/revolução
no pensamento de Antônio Guedes Coutinho¹

Benito Bisso Schmidt²

Introdução

Tradicionalmente a história do movimento operário gaúcho (e brasileiro) é dividida em grandes etapas, a partir do critério da predominância de uma corrente político-ideológica. Têm-se, assim, a fase do auxílio mútuo, a do socialismo, a do anarquismo, a do comunismo, a do trabalhismo e assim por diante. Sem desconsiderar a importância deste enfoque generalizante, penso ser igualmente significativo examinar como tais idéias, importadas do contexto europeu, foram lidas

¹ Neste artigo, exponho resultados parciais de uma pesquisa mais ampla por mim desenvolvida no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), intitulada "*Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória de Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)*". A primeira versão deste texto foi apresentada na Terceira Conferência da BRASA ("*Brazilian Studies Association*"), Cambridge, setembro de 1996.

² Professor do Departamento de História da UFRGS.

pelos militantes locais: que elementos das mesmas foram ressaltados e quais foram desprezados, que outras influências moldaram suas concepções etc. Para tanto, um estudo micro-orientado pode ser proveitoso, já que permite captar diferenças, nuances e detalhes, difíceis de serem percebidos por um olhar voltado para as regularidades e para o “*estatisticamente mais freqüente*”³.

Com tal preocupação, analiso neste artigo os textos do militante socialista Antônio Guedes Coutinho (1868-1945), elaborados em Rio Grande na virada do século XIX. Minha abordagem privilegiou duas variáveis: as oscilações entre **ciência e religião** e entre **reforma e revolução**, presentes na sua produção teórica.

O Personagem

Antônio Guedes Coutinho nasceu na província de Trás-os-Montes em Portugal. Veio para o Brasil com dezoito anos, desembarcando inicialmente em Pelotas, onde passou a viver de sua profissão, alfaiate. Nesta cidade, iniciou sua formação doutrinária, sobretudo por influência de alguns socialistas agrupados na Liga Operária local.

Em 1893, transferiu-se para Rio Grande, trabalhando inicialmente no seu ofício e logo como tecelão da fábrica de tecidos Rheingantz, uma das maiores do estado naquele momento. Posteriormente dedicou-se ao magistério e ao jornalismo. Sua atuação em prol do movimento operário da cidade foi intensa: participou da fundação da União Operária (1894), do Partido Socialista de Rio Grande (1898), pelo qual concorreu a uma vaga no Conselho Municipal (1900); dirigiu o jornal *Echo Operário* (1896-1901) e colaborou com diversos órgãos da imprensa operária e não-operária. Petersen & Lucas o consideram como “*um dos líderes operários mais combativos da passagem do século*” e como “*o verdadeiro organizador do movimento operário rio-grandino*”⁴.

³ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 27.

⁴ PETERSEN, Sílvia R. F. & LUCAS, Maria E. **Antologia do movimento operário gaúcho (1870-1937)**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS-Tchê!, 1992. p. 68.

Coutinho mudou-se para Jaguarão em 1911 e lá presidiu uma sociedade também denominada União Operária. Retornou a Rio Grande em 1940, onde faleceu cinco anos depois. No final da vida, aderiu ao trabalhismo de Getúlio Vargas.

O personagem professou um socialismo heterogêneo e difuso, influenciado por autores como Karl Marx, Benoît Malon, Ladislau Batalha e Heliodoro Salgado; pelas idéias da social-democracia alemã e pelo socialismo francês, entre outras tendências. Em seus escritos, buscarei verificar como se deram as oscilações entre ciência e religião e entre reforma e revolução.

Ciência e religião

O século passado foi marcado pela utopia do progresso ininterrupto, possibilitado pelo desenvolvimento tecnológico contínuo. A ciência despontava como o farol que poderia guiar os povos no rumo do enriquecimento, da liberdade e da felicidade. Segundo Pesavento, “(...) o século XIX foi o século das máquinas, das inovações, das descobertas, da celebração do espírito científico que fora capaz de domar as forças da natureza e pô-las a serviço da civilização”⁵.

Coutinho, morando em Rio Grande, cidade que se industrializava rapidamente, também sentiu os influxos destas representações. Ao fazer, em 1899, uma avaliação da centúria que findava, afirmou: “aproxima-se o fim do século dezenove, século de mecânica e de vapor, século de maravilhas estupendas nas ciências e nas indústrias e, principalmente, na arte da guerra”⁶. No mesmo sentido, a ciência era por ele definida como a “(...) alavanca universal que tudo funde e reconstrói a seu bel prazer, não tendo em vista senão o elevamento da espécie humana da qual é escrava e senhora ao mesmo tempo”⁷ ou como o “Deus do progresso”⁸. Tais apreciações confirmam a idéia da historiadora antes citada, para quem “(...) o homem das cidades via,

⁵ PESAVENTO, Sandra J. “Trabalhadores e máquinas: representações do progresso”. *Anos 90*. Porto Alegre (UFRGS), n. 2, maio de 1994, p. 166.

⁶ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 1/1/1899, p. 1.

⁷ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 17/10/1897, p. 2.

⁸ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 7/11/1897, p. 2.

no seu cotidiano, as condições concretas de sua existência serem transformadas pelos novos inventos, pelo surgimento renovado de máquinas, pelas surpreendentes descobertas e avanços da ciência”⁹.

Neste contexto, onde a crença no progresso e nos poderes ilimitados da ciência era hegemônica, o personagem, como muitos dos seus contemporâneos, procurou justificar suas concepções políticas a partir do critério da cientificidade. Assim, por exemplo, a obra de Marx, *O Capital*, foi caracterizada como um “colossal monumento da ciência (...)”¹⁰ e, alguns anos depois, o personagem afirmou que o socialismo era orientado pelas “leis científicas da história”¹¹.

Na mesma época, diversas teorias tentaram explicar a natureza, a sociedade e o homem à luz deste novo espírito científico.

O francês Auguste Comte, por exemplo, pretendeu mostrar que as idéias avançam linearmente por três estágios: o teológico, quando os fenômenos são explicados pela vontade dos deuses; o metafísico, quando as explicações baseiam-se em formulações abstratas; e o positivo ou científico, quando, através da observação empírica precisa, seria possível determinar com exatidão as motivações, regularidades e conseqüências dos fatos sociais.

Charles Darwin, no seu *Origem das espécies* (1859), formulou uma explicação detalhada e fartamente documentada da forma e do processo da evolução através da seleção natural ou da preservação das raças favorecidas na luta pela vida. Herbert Spencer, por seu turno, defendeu a aplicação da teoria evolucionista em todos os campos do conhecimento, inclusive na análise da sociedade. Esta concepção é conhecida como “darwinismo social”.

No âmbito da criminologia, a perspectiva cientificista também exerceu um papel determinante. Os italianos Cesare Lombroso e Enrico Ferri, entre outros, tentaram implantar uma visão científica do crime. Por esta, seria possível descobrir, através de determinadas características físicas, as tendências criminosas dos homicidas antes mesmo que cometessem algum delito¹².

⁹ PESAVENTO, “Trabalhadores e máquinas...”, p. 165.

¹⁰ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 26/9/1897, p. 1.

¹¹ O TEMPO, Rio Grande, 23/5/1907, p. 1.

¹² Sobre estas teorias, ver: DARMON, Pierre. *Médicos e assassinos na “Belle Époque”: a medicalização do crime*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991; DURANT, Will. *A filosofia de Herbert Spencer*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d; RIBEIRO Jr., João. *O que é positivismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Participando deste *clima intelectual*, Coutinho realizou uma apropriação cientificista, evolucionista e positivista do socialismo. Em seus textos é possível perceber, com maior ou menor intensidade, a influência das teorias referidas acima.

Em 1900, o mesmo afirmou não conhecer as obras do “genial pensador” Comte, “senão por resumos muito insuficientes (...)”¹³. Contudo, declarou em diversos momentos assentar seu pensamento “(...) na lógica dos fatos e de acordo com os princípios filosóficos da ciência positiva (...)”¹⁴. Dedicou também um artigo à discussão das proposições do autor francês. Neste, reconhecia a “penetrante sabedoria” do “grande arquiteto do sistema positivista”. Porém, criticava a sua formulação a respeito das bases da sociedade industrial, “dando-lhe o caráter orgânico dos grandes corpos de exército, bem disciplinados e por isso obedecendo cega e passivamente à voz de comando, que nesses casos seria a voz da razão representada nos - ‘soi-dissant’ - superiores”. O autor afirmava que Comte “deixou-se seduzir pela sua própria criação e por isso não tinha mais olhos para ver-lhe os defeitos”. De acordo com o primeiro,

“Como pôde ele acreditar que a humanidade pudesse ser feliz sendo escrava? Pois não é a liberdade o supremo bem e por ela se tem batido a humanidade desde que houve quem lhe pusesse peias.

.....

Queremos sim o grande exército das indústrias, mas com a propriedade coletiva, com a união livre, de leis impostas, com administração voluntária e sem domínio de espécie alguma”¹⁵.

Enfim, mesmo criticando pontos significativos do pensamento comteano, Coutinho acabou assumindo o termo *positivista*, e suas variações, para acentuar o caráter lógico, científico e racional do socialismo. Segundo ele, a razão era “o único orientador dos povos neste fim de século de positivismo”¹⁶. Além disso, embora reconhecesse o teor burguês desta teoria, não deixava de admirar seus adeptos: “Decididamente a escola de Comte tem muitos grandes homens e

¹³ O ARTISTA, Rio Grande, 10/3/1900, p. 1.

¹⁴ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 13/3/1898, p. 1.

¹⁵ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 30/7/1899, p. 1.

¹⁶ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 15/10/1899, p. 1.

é inegável que são eles os únicos que merecem confiança ao povo, dentro do sistema burguês”¹⁷. Em outro momento, chegou a afirmar que o pensador francês “(...) concebeu um sistema sociológico que hoje mesmo ainda é seguido pelos próprios socialistas científicos como meio de **transição** para o coletivismo”; e acrescentou: “O socialismo (...) nada mais é do que o sistema de Comte (...) reformado e ampliado de acordo com os progressos da humanidade”¹⁸.

O evolucionismo, por sua vez, orientou as interpretações do personagem sobre a sociedade e a história. Em diversos artigos, o mesmo procurou demonstrar que, ao contrário do que afirmavam alguns críticos burgueses, “o socialismo não só não é contrário à lei da luta pela vida, como veio justificá-la em face da ciência e da economia política”. Contudo, segundo ele, no sistema capitalista, esta “lei imutável e invencível” adquiria um caráter “egoísta” e “deprimente”, pois não revertia em benefício da coletividade, mas exclusivamente de alguns poucos indivíduos: “Que nos importa o trabalho dum capitalista que trabalha num projeto onde o seu capital individual se possa centuplicar?”. A luta pela vida precisava ser “digna, em abono do indivíduo e da coletividade: que os homens lutem, mas que trabalhem em alguma coisa de interesse coletivo”. Isso não significava negar as diferenças individuais, mas sim acentuar que estas não deveriam conduzir à exploração de uns sobre os outros:

“Os homens serão sempre uns mais aptos que os outros, não admitimos uma tábua rasa como o supõem os nossos enfatuados adversários; queremos que cada um receba conforme as suas aptidões, mas que não seja preciso o menos apto trabalhar para o que o é mais.

Estes pelo seu talento serão os mais bem retribuídos, e aqueles como base da luta, procurarão equiparar-se-lhes. Eis o que é a luta pela vida, princípio racional e logicamente sustentado pelos socialistas”¹⁹.

A proposta política de Coutinho, que defendia uma transição gradual para o socialismo através de reformas sucessivas, também era justificada pela teoria evolucionista. De acordo com suas palavras:

¹⁷ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 29/10/1899, p. 2-3.

¹⁸ O ARTISTA, Rio Grande, 10/3/1900, p. 1. Grifo meu.

¹⁹ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 26/9/1897, p. 1.

“Não (...) desejamos por meio da dinamite ou nitroglicerina arrasar o que há para construir de novo, mas sim aplicando às leis evolutivas, que auxiliaremos com a ciência, reformas transitórias para pouco a pouco conseguirmos a transformação”²⁰.

Ou seja: assim como, segundo Darwin, a natureza não se modifica aos saltos, também a sociedade deveria evoluir lentamente até a forma mais perfeita de organização: o socialismo.

Nos textos de Coutinho, o pensamento evolucionista aparece freqüentemente mesclado com as propostas da antropologia criminal. Este fato provavelmente se deve à influência das idéias de Darwin e de Spencer no movimento socialista italiano, do qual faziam parte, entre outros, Cesare Lombroso e Enrico Ferri. Coutinho parece ter conhecido tais teorias por intermédio do socialista e criminologista argentino José Ingegneros, principal divulgador das propostas de Lombroso na América Latina, com quem mantinha uma assídua correspondência. Por seu intermédio, chegou às mãos do personagem a edição argentina da obra *Socialismo e Sciencia Positiva. Darwin-Spencer-Marx* de Enrique (sic) Ferri²¹. Nele, o autor italiano afirmava:

“Darwinista e Spenceriano convencido, proponho-me provar como o socialismo marxista - o único que tem método e valor cientificamente positivo, e por isso mesmo o único que agora inspira e dirige com unidade aos socialistas democratas de todo o mundo civil - não é senão o complemento prático e fecundo na vida social dessa moderna revolução científica, preparada nos séculos passados pela renovação italiana do método experimental em todos os ramos do saber humano, e executada e disciplinada em nossos dias pelas obras de Darwin e Spencer”.

Coutinho traduziu este texto do espanhol e publicou-o como folhetim no *Echo*. Em uma nota, salientou a importância da obra, ressaltando que “o seu autor é um dos mais célebres criminalistas italianos, sociólogo eminente e deputado ao parlamento italiano”. Justificando a sua divulgação em português, afirmou: “o que fica dito é

²⁰ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 31/10/1897, p. 1.

²¹ O envio desta obra foi noticiado pelo ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 18/1/1898, p. 4.

perfeitamente aplicado ao nosso país, onde as condições, quer econômicas quer políticas, muito se assemelham, e onde a burguesia, apesar de menos ativa e laboriosa, comunga as mesmas idéias da burguesia argentina”²².

Em outro texto, reafirmando esta leitura do evolucionismo mediada pela antropologia criminal, assinalou: “(...) nós estamos com (...) Ferri, Lombroso etc., que vêm nas teorias de Darwin o mais perfeito caminho para o socialismo”²³.

Enfim, o personagem misturou em seus escritos as influências de Marx, Comte, Darwin, Spencer, Lombroso, Ferri, entre outros. Esta aparente confusão teórica guardava, na verdade, uma grande coerência com os padrões de conhecimento do século XIX: todas as correntes referidas buscavam desvendar racionalmente a lógica da natureza, da sociedade, do crime e do homem, preferencialmente através da observação empírica. A questão da cientificidade balizava tais teorias que esforçavam-se por romper com as explicações teológicas, abstratas e metafísicas. Coutinho, sentado em sua modesta escrivaninha, mantinha-se sintonizado com este *clima intelectual*, através de contatos pessoais e da leitura de livros, periódicos e folhetos. Simultaneamente, buscava explicar os incidentes que presenciava no seu cotidiano à luz destas idéias. Por exemplo, ao noticiar um furto ocorrido na indústria Rheingantz, afirmou que houve apenas um criminoso “se admitirmos como base de estudo as modernas descobertas da ciência antropológica”²⁴. Portanto, o estudo também fornecia ao personagem uma chave de leitura para o seu dia-a-dia.

²² FERRI, Enrique. **Socialismo e Sciencia positiva. Darwin-Spencer-Marx.** Rio Grande: Echo Operário, 1898. As primeiras páginas foram publicadas no ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 2/10/1898, p. 3-4. As citações foram extraídas das páginas 9, 4, 6 e 7 do folhetim, respectivamente.

A filósofa Hannah Arendt também assinala as semelhanças existentes entre as idéias de Marx e as de Darwin: “É notável que a filosofia do trabalho de Marx tenha coincidido com as teorias da evolução e do desenvolvimento que floresceram no século XIX - a evolução natural de um processo vital único a partir das formas mais rudimentares de vida orgânica até a aparição do animal humano, e o desenvolvimento histórico de um processo vital da humanidade como um todo. Engels logo percebeu esta coincidência, e chamava Marx de ‘o Darwin da história’”. ARENDT, Hannah. **A condição humana.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 117.

²³ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 28/8/1898, p. 1.

²⁴ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 13/8/1899, p. 2.

Contudo, mesmo buscando uma legitimidade científica para o socialismo, Coutinho utilizava-se freqüentemente de metáforas religiosas e de um tom messiânico para falar desta doutrina. Por exemplo: “O Socialismo é a religião por excelência da humanidade, é o paraíso terrestre, é o termo da escravidão, é a igualdade perante a natureza”²⁵; ou então, “ (...) o Socialismo é a religião do Bem e do Belo (...)”²⁶.

Aos teóricos e militantes socialistas também eram atribuídos poderes transcendentais. Numa nota alusiva aos quinze anos do falecimento de Karl Marx, o personagem fez uma espécie de invocação ao seu mestre: “Que o seu espírito guie a nossa pena e as nossas obras, para que os nossos esforços possam ser úteis às classes trabalhadoras que ele tanto amou”²⁷. O socialista francês Jaurés, por sua vez, foi definido como um apóstolo: “Glória aos apóstolos do socialismo, aqueles que como Jaurés sabem honrar a sua causa!”²⁸. Em 1907, ao protestar contra a condenação do jornalista republicano espanhol Nackens a quinze anos de prisão, afirmou sobre este: “Espírito de uma cultura superior, alma de anjo e coração de apóstolo (...)”²⁹.

Para ele, os termos religião e razão eram compatíveis, como se pode observar na seguinte frase: “O socialismo será a religião do futuro, porque ele é a justiça, a razão e o direito”³⁰. Este trânsito entre cientificismo e religiosidade não era incomum para a época. O próprio Comte elaborou, no final de sua vida, uma *Religião da Humanidade*, que se pretendia natural, racional, científica e exclusivamente humana³¹.

²⁵ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 1/5/1898, p. 2.

²⁶ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 5/7/1899, p. 1.

²⁷ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 20/3/1898, p. 1.

²⁸ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 27/3/1898, p. 1.

²⁹ O TEMPO, Rio Grande, 18/6/1907, p. 2.

³⁰ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 1/5/1899, p. 3.

³¹ Além disso, este tom religioso podia ter uma função persuasiva. Afinal, como questiona-se Girardet, “(...) qual teria sido o destino de um marxismo destituído de todo apelo profético e de toda visão messiânica, reduzido exclusivamente aos dados de um sistema conceitual e de um método de análise?”. GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 11-12.

Não foi possível descobrir se o personagem teve uma formação religiosa em Portugal, país de fortes tradições católicas. Contudo, em seus artigos, eram freqüentes os ataques à Igreja e ao clero. Segundo ele, na “*sociedade do futuro*”, “*não precisaremos de igrejas para estupidamente irmos a elas perder tempo curvados e genuflexos ante uma figura que os especuladores imaginaram para ídolo (...)*” nem dos “*sacerdotes (...), essa espécie de parasitas (...)*”. A postura anticlerical - comum aos movimentos socialistas do período - não lhe impedia de nutrir uma profunda admiração por Jesus Cristo: “*O Socialismo por si é a religião mais bela que jamais teve a humanidade, porque nenhuma se funda em bases mais moralizadoras, nenhuma cumpre tanto as máximas do glorioso mártir - Cristo*”³².

A oscilação entre ciência e religião encontrou sua síntese no espiritismo de Allan Kardec, ao qual Coutinho aderiu no final do século XIX. Não pude precisar a data exata desta conversão. Porém, este fato deve estar relacionado com o trauma causado pelo falecimento de sua filha Aurora, em 18 de outubro de 1898. Antes disso, o personagem normalmente mantinha uma postura crítica para com a doutrina kardecista.

Por exemplo, em fevereiro deste mesmo ano, o *Echo*, num artigo denominado “*Prodígios assombrosos*”, transcreveu a comunicação espírita recebida em 2 de agosto de 1898 pelo médium A. Ângelo Torteroli no círculo “*Conciliação*” do Rio de Janeiro. Uma página depois, o redator advertia:

“Por cedermos a um pedido, transcrevemos hoje o artigo (...) acima; mas o jornal nada tem de solidário com princípios estranhos à sua doutrina.

É uma apreciação individual que pode chamar a atenção dos estudiosos, sem que em nada possa prejudicar as nossas idéias”³³.

Em novembro, depois da morte de Aurora, verificou-se uma mudança de posição: o mesmo periódico noticiou a participação de Coutinho na diretoria eleita do “*Grupo Allan Kardec*”, no posto de exor-

³² COUTINHO, Antônio G. *Catecismo socialista*. Rio Grande: Echo Operário, 1898, p. 40-41. O *Catecismo*, publicado como folhetim no *Echo*, é a obra teórica mais acabada de Coutinho.

³³ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 27/2/1898, p. 2 e 4.

tador³⁴. No ano seguinte, tornou-se secretário desta associação³⁵. Também foi colaborador do jornal espírita local *A Regeneração*, surgido em 1900³⁶.

Em 1899, na já referida apreciação sobre o século que findava, o personagem afirmou que este “(...) começou com o povo bestializado pelo materialismo feroz e sanguinário, e pelo cetismo de Voltaire, e terminou deixando-nos às portas do Espiritismo, que é ultra-religioso, e confiantes no futuro pregado por Allan Kardec (...)”³⁷.

Portanto, na sua adesão ao espiritismo, conjugam-se o individual e o contextual, o privado e o público. Por um lado, a morte da filha levou-o a buscar consolo na crença da imortalidade da alma; por outro, o clima intelectual da época era propício à mescla entre religião e ciência. Afinal, o espiritismo, embora “ultra-religioso”, também se pretendia, segundo o próprio Coutinho, uma “ciência da alma”³⁸.

Além disso, o personagem compartilhava com Kardec o seu anticlericalismo. Assim, ao referir-se a este último, afirmou que o mesmo era uma “(...) alma votada ao sacrifício para salvar a humanidade do caos tenebroso em que a atirara uma seita ambiciosa que só visa interesses materiais”³⁹.

Na visão de Coutinho, socialismo e espiritismo poderiam ter ainda outros pontos em comum: a perspectiva evolucionista e a idéia de fraternidade. Pela primeira, pode-se pensar que, enquanto Darwin teorizou sobre a evolução das espécies e Marx sobre a das sociedades, Kardec teria postulado a evolução do espírito. Em relação à fraternidade, deve-se considerar que, neste momento, a idéia de auxílio mútuo vicejava no seio da classe operária gaúcha. Portanto, não é de se estranhar que o personagem tenha louvado o fundador do espiritismo

³⁴ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 27/11/1898, p. 4.

³⁵ OPINIÃO PÚBLICA, Pelotas, 21/11/1899.

³⁶ Localizei dois exemplares deste jornal: *A REGENERAÇÃO*, Rio Grande, 1/4/1901 e 1/5/1902.

³⁷ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 1/1/1899, p. 1.

³⁸ Nas palavras do personagem: “É a ciência que, com as suas mil formas de análise e observação, está hoje afirmando a existência do espírito que sobrevive à matéria, e provado isto, o resto da Doutrina impõe-se como consequência lógica da perfeição universal”. *A REGENERAÇÃO*, Rio Grande, 1/4/1901. p. 1-2.

³⁹ Ibid.

pelo seu “verdadeiro amor ao próximo” e pela “prática da sublime caridade”⁴⁰.

Reforma e revolução

A oscilação entre reforma e revolução também está presente no pensamento de Coutinho. Neste aspecto, as influências do coletivismo de Benoît Malon e das teorias evolucionistas mesclaram-se com a admiração do personagem pelo Partido Social Democrata Alemão, para determinar sua adesão a uma estratégia reformista de transformação da sociedade.

Assim, por exemplo, ao debater com o jornalista Manfredo Silveira do *Diário do Rio Grande* sobre a “*questão social*”, declarou:

“Permita-nos S.S. que lhe digamos que ignora o que é o socialismo tal qual o pregam os mestres e que nenhum socialista deseja a sua imediata realização, por serem muito amigos do operariado e porque prezam os seus ideais, o que assim não seria se desejassem atirá-los numa revolução na qual seriam vencidos, porque o poder da burguesia é muito ainda e o mais bem armado.

S.S. ignora absolutamente a marcha do socialismo, e ainda mais, os programas que defendem os socialistas nos diversos parlamentos onde têm assento, que é todo transitório e moderado”⁴¹.

Já em 1901, num texto comemorativo ao dia do trabalho, percebe-se a influência das teorias de Darwin e Spencer. Nele, afirmava-se que: “*Sabemos que a natureza não dá saltos e que será pela evolução que hão de fazer-se as grandes reformas necessárias à transformação econômica dos povos (...)*”⁴².

Esta percepção teórica orientou a militância do personagem que teve uma participação significativa na vida política de Rio Grande, fundando o Partido Socialista local em 1898, recomendando candidatos ou candidatando-se ele mesmo a conselheiro municipal em 1900.

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 31/10/1897, p. 2.

⁴² ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 1/5/1901, p. 1.

Tais ações baseavam-se na idéia de que: “(...) o socialismo tem forçosamente que principiar pela conquista do poder político para assim chegar ao terreno das reformas econômicas, alvo das nossas aspirações reivindicadoras”⁴³. Os socialistas, após chegarem ao poder, deveriam lutar pela melhoria das condições de vida do operariado, através de reformas sucessivas, tais como: jornada de oito horas de trabalho, aumento do salário, criação de escolas públicas, construção de habitações higiênicas etc.

A postura de Coutinho em defesa de uma transição gradual para a sociedade socialista adequava-se aos preceitos do socialismo europeu vigente na virada do século XIX. Este, segundo Batalha,

“(...) havia adotado a organização em partido político e a busca da conquista do poder pela via eleitoral, dentro de uma estratégia gradualista, como resultado da derrota da experiência insurrecional da Comuna de Paris, ainda que a intensidade desse gradualismo pudesse variar, por exemplo no caso francês, da moderação dos possibilistas ao radicalismo - pelo menos no discurso - dos guesdistas”⁴⁴.

A estratégia reformista partia da idéia de que o povo não estava habilitado para a revolução, devido ao seu baixo nível cultural. Os militantes mais esclarecidos deveriam, portanto, prepará-lo para a luta contra a burguesia. Estabelecia-se, assim, uma distinção entre os líderes operários *que sabem* e a massa dos trabalhadores *que deve ser orientada*. Por vezes, tal assimetria era formulada em termos fraternais. Por exemplo: no seu *Catecismo Socialista*, Coutinho assinalava a necessidade de se “(...) criar centros de palestras e conferências socialistas, onde [os operários] vão ouvir a palavra amiga e verdadeira dos companheiros mais educados (...)”⁴⁵.

Em outros momentos, contudo, seu discurso assumia um tom francamente autoritário:

“O que nós entendemos por verdadeira luta é a instrução do povo, fazendo-o ver claramente a mistificação absoluta de

⁴³ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 20/2/1898, p. 1.

⁴⁴ BATALHA, Cláudio H. M. “A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX”. In: MORAES, João Quartim de (org.). **História do marxismo no Brasil II: os influxos teóricos**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995, p. 14.

⁴⁵ COUTINHO, *Catecismo...*, op. cit., p. 4.

todo o existente, levá-lo por caminho seguro à compreensão de seus direitos, obrigá-lo a raciocinar, a conhecer por si as causas produtoras dos males que o afligem, concitá-lo ao estudo, à análise e observação de tudo quanto tem relação com a vida das sociedades e dos indivíduos”⁴⁶.

O personagem acreditava-se incumbido desta tarefa: conduzir, concitar, obrigar o povo a lutar pelos seus interesses. Este último, desconhecendo a *missão histórica* que lhe estava reservada, precisava seguir passivamente a orientação dos “*companheiros mais educados*”. Afinal, eram poucos os “*operários ativos e dignos que estejam dispostos à luta*”⁴⁷.

Além disso, Coutinho ressaltava a necessidade de se organizar o operariado em associações de classe, baseadas na “*resistência aos caprichos dos patrões (...)*”⁴⁸. Neste sentido, numa reunião com os funcionários grevistas da fábrica Ítalo-Brasileira em 1897, Coutinho dissertou “*sobre as vantagens da união e as conseqüências da indiferença dos operários para com as associações*”⁴⁹.

Enfim, no pensamento de Coutinho, como no da maioria dos socialistas da época, destacavam-se três instrumentos para a transformação da sociedade capitalista: a luta política através da criação de um partido, o desenvolvimento cultural do trabalhador e a arremetimento associativa⁵⁰. Contudo, tais estratégias reformistas não excluíam a perspectiva da revolução. Esta seria o ponto final do combate, resultando das resistências interpostas pela burguesia ao advento do socialismo: “*o que poderia resultar da resistência da burguesia só se pode traduzir por uma revolução violenta, onde não se pode duvidar que o vencido seria a burguesia, porque é a mais fraca, embora pareça o contrário*”. Afinal, esta última depende do trabalho do proletariado, que constitui a maioria da população:

“(...) é verdade que ela é rica, tem tudo quanto parece preciso para ser forte e invencível; mas esquecem que essa riqueza só o é enquanto tem operários a quem explorar (...); esquecem, enfim, que os burgueses com todos os seus exércitos de defensores são

⁴⁶ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 1/5/1901, p. 1.

⁴⁷ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 19/12/1897, p. 1.

⁴⁸ COUTINHO, *Catecismo...*, p. 3.

⁴⁹ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 26/9/1897, p. 2-3.

⁵⁰ PETERSEN & LUCAS, *Antologia...*, p. 61.

uma minoria ridícula a par do colossal exército dos explorados, e que em caso de revolução será cada um tão forte como a consciência, tão terrível como a justiça”⁵¹.

As teorias evolucionistas foram novamente invocadas para justificar o ponto de vista do autor, que se definia como um “*socialista revolucionário*”⁵² e como um “*revolucionário convicto*”⁵³. Neste sentido, segundo ele, tanto a natureza como a sociedade passavam, obrigatoriamente, por períodos de transformações revolucionárias, necessárias para o prosseguimento da evolução da vida e da história. Nas palavras do personagem,

“(…) as leis da história (…) nos provam em todas as suas páginas que a evolução foi sempre auxiliada eficazmente pelas revoluções sem as quais não se produziriam tão rapidamente as grandes transformações sociais.

A história, a grande mestra, ensina-nos a ter confiança nas revoluções, porque são elas que maior lugar ocupam na vida dos povos que lhes devem a sua liberdade relativa.

Sempre a revolução tem antecedido a evolução, porque esta era provocada por aquela”⁵⁴.

Em outro momento, Coutinho afirmou que a emergência de uma revolução no Brasil seria também consequência das nossas características inatas de povo latino. Tal interpretação ajustava-se às idéias *científicas* tão em voga na virada do século XIX, que buscavam analisar a sociedade a partir de critérios raciais e geográficos. De acordo com sua visão,

“Nós achamos muito útil a tática [reformista] dos alemães e seria esta a por nós adotada se o nosso povo tivesse a calma precisa para esperar; mas como o gênio fogoso da nossa raça não lhe permite esperar que o povo se eduque convenientemente, optamos pela escola de Marx e Malon como meio, e pregamos desde já a luta em todo o terreno até que pelo poder político possamos aniquilar a força armada e preparar o povo para pela força conseguir o fim”⁵⁵.

⁵¹ COUTINHO, *Catecismo...*, p. 9-10.

⁵² ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 17/10/1897, p. 2.

⁵³ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 1/5/1899, p. 2.

⁵⁴ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 7/11/1897, p. 2.

⁵⁵ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 17/10/1897, p. 2.

Portanto, reforma e revolução não eram vistas pelo personagem como processos mutuamente excludentes. Muitas vezes, uma mesma teoria, como o evolucionismo, podia justificar a necessidade de transformações graduais ou de rupturas violentas. A ênfase em cada um dos pólos dependia das intenções ou, até mesmo, do estado emocional de Coutinho. Por exemplo, ao comentar que, na sociedade capitalista, os que roubam para comer são considerados ladrões, enquanto que os verdadeiros exploradores (os burgueses) são chamados de “*cavalheiros*” e de “*homens de bem*”, o autor bradou num ímpeto de raiva: “*Ao fogo com tal sociedade! Ao fogo!*”⁵⁶.

Na maior parte das vezes, contudo, a revolução era vista como o momento culminante de uma trajetória evolutiva, ao longo da qual os operários desenvolveriam sua consciência de classe e sua capacidade de organização e onde, pela via eleitoral, se fariam conquistas graduais em prol dos trabalhadores. Em um artigo denominado “*A Revolução Social: como a entendem os socialistas*”, o personagem sintetizou seu pensamento sobre o assunto:

“É muito provável, mais ainda certo, que o assento burguês não declinará como um velho centenário que inclina a cabeça e com um leve suspiro acaba a vida para a qual o seu organismo não era mais suficiente, porém os tiros e o sangue não serão mais que o episódio final de não demasiado e trágico relevo e lutuosa importância.

A verdadeira revolução socialista não é aquela que se combatia pelas ruas para dominar a espasmódica agonia de uma sociedade moribunda, porém é a incruenta guerra que se faz hora por hora, dia por dia com a conquista dos indivíduos e das massas à fé que hoje não está tão distante do seu zenith.

Neste ponto, a inspiração de Coutinho parece vir novamente das idéias de José Ingegneros. No já citado folhetim *Que é o socialismo?*, o último defende a existência de duas “*escolas*” socialistas: a “*anglo-saxônica*” (reformista) e a “*latina*” (revolucionária). Na opinião de Ingegneros, “*a ação revolucionária deve vir, e quem a provocará não serão os socialistas, senão os atuais detentores dos bens sociais que se oporão energicamente à transformação da propriedade individual dos meios de produção em propriedade coletiva*”. INGENGNEROS, José. **Que é o socialismo?** Rio Grande: Echo Operário, 1897, p. 67-68. Qualquer semelhança com o posicionamento de Coutinho não é mera coincidência.

⁵⁶ ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 7/8/1898, p. 4.

A revolução socialista é aquela que se faz com os livros, com os jornais, com os discursos públicos, domésticos, familiares, com o assíduo descarnar da podridão onde está engastada a sociedade moderna; é uma revolução calma, digna, segura, que quando esteja cumprida, constituída a efetuação indestrutível dos ideais que a moveram e fecundaram sem ter (como sucede com as revoluções precipitadas e impulsivas) reações vitoriosas.

A revolução socialista tem por arma principal o voto⁵⁷.

Considerações finais

Rotular o movimento operário gaúcho na virada do século XIX de socialista, ao invés de servir como uma explicação final, deve conduzir o historiador a um novo, e mais instigante, questionamento: que socialismo era este? Através da análise do pensamento de Antônio Guedes Coutinho, busquei oferecer alguns elementos que permitem, ao menos, tatear a resposta desta questão.

Bombardeado por vertentes doutrinárias diversificadas, participando de um clima intelectual onde a perspectiva científicista era dominante e vivenciando determinadas experiências no seu dia-a-dia (a morte da filha, os ímpetos de raiva), Coutinho elaborou um socialismo que, embora possua vários pontos em comum com aquele professado por outros militantes na mesma época, também tem a sua originalidade. Como afirmam Petersen & Lucas, as idéias socialistas *“não eram importadas mecanicamente e (...) sofreram um processo de reelaboração por operários de uma sociedade urbano-industrial como a nossa, com características tão diferentes da européia”*⁵⁸.

⁵⁷ Ibid., p. 1.

⁵⁸ PETERSEN & LUCAS, *Antologia...*, p. 30.

Bibliografia e fontes

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- O ARTISTA, Rio Grande, 1900.
- BATALHA, Claudio H. M. "A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX". In: MORAES, João Quartim de (org.). **História do marxismo no Brasil II. Os influxos teóricos**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995.
- DARMON, Pierre. **Médicos e assassinos na "Belle Époque": a medicalização do crime**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- DURANT, Will. **A filosofia de Herbert Spencer**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 1896-1901.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- OPINIÃO PÚBLICA, Pelotas, 1899.
- PESAVENTO, Sandra J. "Trabalhadores e máquinas: representações do progresso". **Anos 90**. Porto Alegre (UFRGS), n. 2, maio de 1994.
- PETERSEN, Sílvia R. F. & LUCAS, Maria E. **Antologia do movimento operário gaúcho, 1870-1937**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS-Tché!, 1992.
- A REGENERAÇÃO, Rio Grande, 1901 e 1902.
- RIBEIRO Jr., João. **O que é positivismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- O TEMPO, Rio Grande, 1907.